

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Cláudia Mendes Nina
**A PALAVRA USURPADA:
EXÍLIO E NOMADISMO NA OBRA DE
CLARICE LISPECTOR**
Memória das Letras 15
2003

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

A aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário

Raquel S. Santos* e Ester M. Scarpa**

Resumo: Analisando dados de duas crianças (1 a 3 anos), discutiremos o processo de aquisição da morfologia verbal e sua relação com a aquisição do algoritmo acentual, e questionamos o estatuto morfológico dos enunciados iniciais das crianças. Formas verbais flexionadas aparecem a partir de 1;5, mas exibem instabilidade e lacunas paradigmáticas; são interpretadas como fragmentos incorporados da fala do interlocutor. Nos dados iniciais, o acento lexical confunde-se com o acento frasal. A partir dos 2;0 o processo de segmentação morfológica inicia-se, evidenciando o trabalho com fronteiras internas das palavras, preparando assim a descrição estrutural adequada para a aplicação do algoritmo acentual.

Palavras-chave: Aquisição. Morfologia. Fonologia. Acento primário.

Abstract: In this paper we discuss the process of the acquisition of verbal morphology and its relationship with the acquisition of primary stress. Longitudinal data of two children from roughly 1 to 3 years old were collected and analyzed. The morphological status of the apparently inflected forms of the early utterances by the children is questioned. Inflected forms appear as early as 1;5, but they exhibit instability and paradigmatic gaps. They are rather interpreted as utterance fragments incorporated from the interlocutor's speech. From 2;0, the segmentation process starts, with the evidence of acquisition of the internal boundaries of the word, thus preparing the adequate structural description for the application of the primary stress algorithm.

Key words: Language acquisition. Morphology. Phonology. Primary stress.

* USP.

** UNICAMP.

1 Introdução

A aquisição do acento primário passa por várias trajetórias. Levando-se em conta que a atribuição do acento primário em português alimenta-se de informações morfológicas, este trabalho tem a ver com certas características na aquisição da morfologia verbal da criança, relevantes para o estabelecimento das fronteiras internas das palavras, que formarão a base estrutural para a aplicação do algoritmo de acento.

As informações morfológicas consideradas na atribuição do português brasileiro dependem da proposta de acentuação adotada. Neste trabalho, assumimos Lee (1995). Sob a perspectiva da teoria de fonologia lexical, o autor sugere dois níveis ordenados no léxico do português: nível α (onde ocorrem os processos derivacionais, a flexão irregular, alguns processos de composição – como sufixos derivacionais) e nível β (onde ocorre a flexão regular do verbo e não-verbo, formação produtiva de diminutivo, advérbio e grau).¹ As regras de acento primário são sensíveis às categorias lexicais: as regras de acento do não-verbo aplicam-se em α , enquanto que as regras de acento do verbo se aplicam em β . Assim, têm-se, em princípio, duas regras, conforme a categoria lexical. Também se defende que a extrametricidade seja dependente da morfologia e sujeita à condição de Perifericidade (isto é, o elemento extramétrico deve ser terminal nos limites dos domínios). Lee propõe que se considerem como extramétricos o marcador de palavra no caso de não verbos e o morfema {-mos} de 1ª pessoa do plural no Imperfeito, Mais-que-perfeito e Futuro do Pretérito do Indicativo e no Imperfeito do Subjuntivo.

Assim, a acentuação é dependente da categorização das palavras (em verbos ou não-verbos), da análise interna das palavras (que permite identificar os morfemas e o nível – α ou β – em que se aplicam) e dos segmentos extramétricos (marcador de palavra e morfema {-mos}).

Este artigo é organizado da seguinte maneira: na segunda seção discutimos a aquisição da morfologia verbal; na seção três discutimos a relação entre a aquisição morfológica e o processo de acentuação. Por fim, resumimos nossas considerações na seção quatro.

Os dados considerados são de duas crianças – R. e T. – entre 1 e 3;6 anos, gravadas semanalmente em áudio. Tais dados fazem parte do Projeto de Aquisição da Linguagem, armazenados no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, IEL, UNICAMP.

¹ Além desses dois níveis, há o nível ω (da palavra prosódica), que marca a saída do léxico e a entrada para a sintaxe. Este nível é considerado pós-lexical.

2 A aquisição da morfologia verbal

As formas verbais em português são formadas por uma raiz verbal mais afixos. Esses afixos são de dois tipos: vogal temática e desinências (nem sempre obrigatórias). As desinências marcam as flexões de Tempo/Modo/ Aspecto (TMA) e Número/Pessoa (NP), como em (1):

(1)

Raiz	Vogal Temática	Desinência TMA	Desinência NP
cant	a	sse	mos
beb	e		s

Nos dados de R. e T. observam-se, desde cedo, as formas verbais flexionadas. T., a partir de 1;5, já produz formas de 3ª pessoa do singular no passado e no infinitivo. A partir de 1;7, surgem as formas no presente e no imperativo, também na 3ª pessoa do singular. A forma gerundiva surge somente aos 2;0. As formas na 1ª pessoa do singular surgem aos 2;4 – para o passado – e 2;5 – para o presente. Uma única forma em 1ª pessoa do plural no passado é encontrada aos 2;9,27:²

- (2) ['kɔ.kɔ] = coloca (T.1;6.24)
(3) ['mɛ.ʃɪ] = mexe (T.1;7.?)
(4) [pɐ.'pã.du] = papando (T.2;1.10)
(5) [mos.'trej] = mostrei (T.2;4.0)
(6) ['pɔ.su] = posso (T.2;5.18)
(7) ['fo.mu] = fomos (T.2;9.27)

Algumas formas podem co-ocorrer neste período:

- (8) ['pe.tʃɪ] = aperta (T.1;7.12)
(9) [pej.'ta] = apertar (T.1;7.12)
(10) ['kɔ.kɛ] = coloca (T.1;8.17)
(11) [u.'ka:] = colocar (T.1;9.27)
(12) [fɪ.'sa] = fechar (T.2;1.10)
(13) [fe.'so] = fechou (T.2;1.10)
(14) [xu.'ma] = arrumar (T.2;2.28)
(15) ['xu.mɛ] = arruma (T.2;2.28)
(16) [ke.'bo] = quebrou (T.2;3.4)
(17) ['ke.brɛ] = quebre (T.2;3.4)

² A forma *tamos* – 1ª p. plural do presente – foi excluída, por ser encontrada desde cedo nos dados da criança, mas sem significado de ação envolvendo mais de um sujeito. O "significado" desta forma é discutido em 2.1 deste artigo.

No entanto, é a partir de 2;4.0 que se observa um uso qualitativamente diferente das formas verbais flexionadas: começa o preenchimento das lacunas dos paradigmas de tempo e pessoa até então observados, como veremos mais detidamente em 2.1:

- (18) [aw.'so] = passou (T.2;4.0)
 (19) [pa.'sã.du] = passando (T.2;4.0)
 (20) [pa.'sa] = passar (T.2;4.0)
 (21) ['pa.se] = passa (imperativo) (T.2;4.18)
 (22) ['de.si] = desce (T. 2;6.12)
 (23) [de.'sej] = desceu (T. 2;6.12)
 (24) [de.'se] = descer (T. 2;6.12)
 (25) [pa.pe.'ta] = apertar (T.2;6.12)
 (26) [ta.pe.'tã.du] = 'tá apertando' (T.2;6.12)

As formas verbais por R. tem um desenvolvimento semelhante. As formas do infinitivo e da 3ª pessoa do singular do passado aparecem já em 1;5. O imperativo e 3ª pessoa do singular do presente a partir de 1;7. As formas de 1ª pessoa surgem aos 1;9 – no presente (uma ocorrência aparece em 1;7.13) – e 1;10 – no passado. O gerúndio só surge a partir de 1;11.12. Uma forma na 1ª pessoa do plural do presente surge aos 2;6. A forma de 3ª pessoa do plural do passado surge, nos dados, aos 2;8:

- (27) [a'sa] = fechar (R.1;5.10)
 (28) [a'bu] = abriu (R.1;5.10)
 (29) ['gar.de] = guarda (R.1;7.13)
 (30) ['pe.gu] = pego (R.1;9.9)
 (31) [pe.'gej] = peguei (R.1;10.20)
 (32) [xo.'dã.du] = rodando (R.1;8.25)
 (33) ['vẽ.mus] ~ ['vã.mu] = vemos (R.2.6.12)
 (34) ['fo.rãw] = foram (R.2;8.4)

A co-ocorrência das formas de tempo e pessoa de R., instanciada nos dados, é em menor quantidade do que a mostrada pelos dados de T.:

- (35) ['fe.se] = fecha (imperativo) (R.1;6.22)
 (36) [fe.'so] = fechou (R.1;6.22)
 (37) [tji.'la] = tirar (R.1;8.25)
 (38) [tji.'lo] = tirou (R.1;8.25)
 (39) [go.'dã.do] = rodando (R.1;8.25)
 (40) [xo.'do] = rodou (R.1;9.20)
 (41) [ĩj.su.'ga] = enxugar (R.2;0.5)
 (42) [ĩj.su.'go] = enxugou (R.2;0.5)

É só a partir de 2;0.12 que R. dá indicações de ampliar o paradigma de formas verbais com diferenças flexionais da variante lingüística de sua comunidade:

- (43) [a.'bi] = abrir (R.2;0.12)
 (44) [a.'biw] = abriu (R.2;0.12)
 (45) [a.'bri.du] = abrindo (R.2;0.12)
 (46) [gar.'da] = guardar (R.2;0.20)
 (47) ['gwar.de] = guarda (imperativo) (R.2;0.20)
 (48) [gar.'dã.du] = guardando (R.2;0.20)
 (49) [gar.'dej] = guardei (R.2;0.20)
 (50) [ku.zi.'pej] = cozinhei (R.2;0.20)
 (51) [ku.zi.'pa] = cozinhar (R.2;0.20)
 (52) ['põ.su] = posso (R.2;1.05)
 (53) ['põ.dʒi] = pode (R.2;1.05)

2.1 O estatuto estrutural da flexão inicial

Formas flexionadas verbais aparecem já desde 1;5 na fala dos sujeitos. Porém, a efetiva ocorrência dos dados, apesar de acontecer bastante cedo, não é garantia de transparência de aquisição do sistema verbal flexional do português. Há indícios de que o estatuto morfológico verbal inicial não é condizente com um sistema flexional produtivo de morfemas presos de tempo e pessoa. Observe-se, por exemplo, a lista de formas verbais da fala de T., por volta dos 1;6:

(54)

Imperativo ou Presente		Passado		Infinitivo/ Futuro	
'peke	"pega"	pv'gow	"pegou"	pi'ga	"pegar"
		fã'sow / so	"fechou"	fi'sa / sa	"fechar"
'abi	"abre"	a'biw	"abriu"		
		sẽ'dew	"acendeu"		
		pa'gow	"apagou"		
		ka'iw	"caiu"		
		o'o	"consertou"		
		aj'so	"achou"		
		pa'ru	"parou"		
		ka'bo	"acabou"		
ka'õke	"coloca"				
'õuse	"puxa"				
'li.ge	"liga"				

A aparente riqueza de formas verbais da fala de T. deve ser olhada com cuidado, porém. Do quadro acima, [pa'ru], [aj'so], [ka'bo], [fə'sow] e [pi'ga] são produzidas em repetições do enunciado anterior do interlocutor (especularidade imediata), têm baixa produtividade e desaparecem de seus dados nos meses subsequentes. [fə'sow] logo desaparece e é substituído pela forma supergeneralizada [a'biw], com ambos os sentidos. [pɹ'gow] e [o'o] aparecem apenas uma vez cada, sempre em repetições, e em contextos não muito claros. Entre as formas mais frequentes, [sē'dew], [pa'gow] e [ka'iw], apenas a última é sempre atribuída à fase completiva ou final do evento; as duas outras são usadas para nomear o evento como um todo e não têm uma contraparte flexionada que evoque significados de "presente", "passado" ou "futuro". Quanto a [ka'okə], [fə'sow] e [ligə], referem-se tanto a modalidades ou marcação de um evento realizado pela própria criança ("quero/vou fazer x"), quanto a pedidos (por favor, faça x).

Assim, na flexão de tempo das formas verbais utilizadas por este sujeito neste estágio inicial, notam-se lacunas paradigmáticas: de uma lista de 8 itens, apenas um exibe marcas morfológicas que, na fala adulta, correspondem a três flexões básicas de tempo: presente, passado e futuro (com a forma de passado absolutamente improdutiva, como vimos e o futuro expresso com a contraparte do infinitivo, o que corresponderia ao futuro próximo ir + infinitivo). Dois outros exibem duas formas: a oposição presente/infinitivo.

O uso significativo da flexão verbal do português deve igualmente ser colocada sob suspeita, pois não são coadunantes com o uso de tempo verbal numa língua como o português: indicam, aparentemente, uma nomeação genérica de um estado resultante de uma ação, no caso do passado, ou de um evento a ocorrer ou em progresso. Os aparentes morfemas de tempo parecem ser segmentados, mas fazem parte de toda seqüência fônica da palavra. Há duas evidências em favor dessa hipótese. A primeira é que a forma correspondente a "acendeu" [sē'dew] funciona como *template* ou molde, neste estágio, para seqüências novas, produzidas pela criança, e que resultam ininteligíveis para o adulto. Por outro lado, a extensa flutuação fonética desta forma verbal obscurece o reconhecimento do sufixo de tempo, como é possível observarmos nos dados abaixo, todos eles registrados numa única sessão. Em (55), todas são formas fonéticas para 'acendeu'; (56) e (57) ilustram a forma da criança correspondente a "acendeu" funcionando como molde para a produção de palavras novas, não interpretáveis pelo adulto.

³ A tendência da criança é o uso da forma não-finita para expressar passado ou futuro, segundo Kato (1995).

Dados de T., 1;5.21.

- (55) situação: observando a luz do gravador acesa:
- | | | |
|---------------|----------|----------|
| [sēdew] | [s:ēnəw] | [sēdew] |
| [dew / sēdew] | [senew] | [usēdə] |
| [sīnēw] | [sīdəw] | [sedew] |
| [sēðrəw] | [sēdəw] | [dēðə] |
| [tsīdə] | [tsēdə] | [fīdə] |
| [sēdə] | [sē?ew] | [sēdew] |
| [usīdiw] | [asīdiw] | [usēdiw] |
| [usēdew] | | |
- (56) M. ... caminhão?
[tēsipew]
M. "Tensipéu"?!
[tēpew]
[tsidəw]
[tsidew]
- (57) situação: brincando com a mãe, pegando no dedo:
[ikesow]
[kisekew]
[basē?ew]

A segunda evidência tem a ver com a instabilidade no significado da flexão de passado, com a migração, em alguns casos, de marca de ação completada ou passado para uma fase inicial ou prospectiva do evento, como mostra o exemplo abaixo:

- (58) situação: Num livro de figuras, R. olha a figura de uma menina, chorando, numa página, e a figura da mesma menina, sem chorar, na outra.
R.: [a mō'nīnu]
R.: [so'lo:]
"A menina! Chorou!"

situação: R. bate na figura da menina que não chora.
R.: [atəso'lo]
"que(ro) chorou"

De um sinal genérico de completude numa cadeia de agentividade ("alguém fez a menina chorar e ela chorou"), a forma "chorou" é usada como um sinal genérico de requisição ou fase prospectiva, no lugar do infinitivo. Em outras palavras, o aparente sufixo não parece estar funcionando como tal, e a palavra, [so'lo], parece ser um item lexical não-analisado quando à flexão de tempo.

Ainda como argumento em favor do fato de que os caminhos da aquisição da morfologia verbal não são diretos nem autônomos está o fato de que o uso de formas verbais interage com aspectos prosódicos e sintáticos. As crianças organizam as "palavras" combinando-as com outras adquiridas previamente. Há uma relação entre o contorno entonacional, elementos já adquiridos e novos elementos, o que dá a impressão de uma sintaxe rudimentar. No caso de R., as combinações são as seguintes (as mesmas combinações foram encontradas para T.):

tom	palavras já adquiridas	categoria das palavras combinadas
4R ⁴	[a'de] / [a'la] / [a'ti] = cadê = lá = aqui	+ forma "nominal"
2R ⁵ ou 5R ⁵	[te] / [da] = quer / dá	+ forma "nominal" ou "verbal"
2R	[vo] - [o'vo] = eu vou	+ forma "verbal"
7R ⁷	[vâw] = vamos	+ forma "verbal"

(adaptado de Scarpa Gebara, 1984, p. 173)

No entanto, não há evidências de que as combinações sejam reflexo de um conhecimento tanto sintático quanto das nuances morfológicas.⁴

2.2 O começo da segmentação

A partir de 1;10 começa a ocorrer o processo de segmentação interna das palavras, que passa a ser mais produtivo a partir de 2;2. Os indícios para tal afirmação estão nos usos desviantes dos morfemas verbais e na maior estabilidade do significado, que se aproxima da língua-alvo.

O primeiro desvio é o uso do morfema flexional de terceira pessoa do passado {-ou} como morfema livre acrescentado a raízes não-verbais, como pode ser observado em (60):

⁴ 4R - Dois tons nivelados em palavras dissílabas: o primeiro alto; o segundo baixo. Em palavras com mais de duas sílabas, movimentos nivelados em degraus descendentes, da primeira sílaba, alta, à última, baixa.

⁵ 2R - Contorno descendente de médio a baixo.

⁶ 5R - Dois tons nivelados: alto mudando para médio. Última sílaba longa. Qualidade replicante de voz.

⁷ 7R - Contorno ascendente médio a alto.

⁸ Para uma discussão sobre a aquisição sintática dos tempos verbais, cf. Kato, 1995.

(60) situação: R. empurra o pica-pau de brinquedo para o topo de uma haste de metal onde ele está parcialmente preso. Ela olha para a base e então para o pica-pau.

R. [ej.vaj.'la]
"ele vai lá".

situação: R. observa a trajetória do pica-pau escorregando pela haste de metal.

R. [ej.vaj.'la]
"ele vai lá"

situação: o pica-pau chega na base.

R. [vaj.'lo]
"foi (literalmente, vai lô)" (R. 1;10.20)

Além do uso do morfema flexional em uma forma não-verbal, outras evidências indicam que R. está lidando com as fronteiras internas da palavra. Também nesta fase R. usa o morfema regular de passado em verbos irregulares (ex. 61, 62 e 64) e acrescenta o morfema de 1ª conjugação a verbos de 3ª (ex. 63):

- (61) [ta.'bew] "coube (literalmente, cabeu)" (R.2;0.20)
 (62) [fa.'zi] "fiz (literalmente, fazeu)" (R. 2;1.5)
 (63) [eĩ.go.'li.vu] "engoli (literalmente, engoliva)" (R.2;6.12)
 (64) [fa.'zej] "fez (literalmente, fazei)" (R. 2;9;10)

Como é possível observar, os dados recobrem um longo período do processo de aquisição (de 2;0 a 2;9), o que indica que o trabalho com os morfemas não é uma simples tarefa de recorte interno entre as palavras. No entanto, esses dados mais tardios são de formas irregulares, o que pode ser um indício de que o problema da criança não é mais analisar internamente as palavras, mas aprender as irregularidades da língua-alvo.

Por fim, é possível observar que, a partir de 2;0, o uso das formas verbais passa a ser mais regular, com significados mais próximos da língua-alvo:

- (65) T.: [a.'lu.zi]
Mãe: a luz, que que você quer da luz?
T.: ['ligu]
Mãe: quer ligar? é aqui que liga. (T.2;4.0)
- (66) situação: Mãe e T. estão falando do carrinho
Mãe: e agora? e este aqui?
T.: [va.ba.'sa]
Mãe: o carrinho vai passar. Vai passar em cima do livro (T.2;4.0)
...
Mãe: e esse aqui? é o caminhão.
T.: [ta.pa.'sã.nu]
Mãe: tá passando em cima do cachorro. (T.2;4.0)

- (67) T: [u 'ka.xu mā]
 "o carro, mãe"
 T.: [dʒiz 'ligɐ u 'ka.xu]
 "desliga o carro". (T.2;7.19)
- (68) T.: [berenise 'ligɐ]
 "Berenice, liga". (T.2;7.19)
- (69) T.: [pi 'sizo dʒi fa 'ze uma 'xɔdɐ]
 "preciso de fazer uma roda".
 Mãe: hum?
 T.: [va fa 'ze // fa 'ze uma 'xɔdɐ]
 "vai fazer, fazer uma roda". (T. 2;10.18)

Em (65), (67) e (68) temos o uso do presente, em (66) a oposição futuro e gerúndio e em (69) o futuro. Ainda assim, é possível observar alguma flutuação fonética das formas verbais, como em (66), por volta dos 2;4.

3 A morfologia verbal e a acentuação⁹

Em português, o acento nas formas verbais recai em uma das três últimas sílabas, independentemente do peso silábico da última sílaba, como é possível observar em (70):

(70)

Última Sílaba	Penúltima Sílaba	Antepenúltima Sílaba
Cantei, cantar	Canta, cantam, cantamos	Cantássemos, cantávamos
Comi, comer	Come, comem, comemos	Coméssemos, comíamos
Parti, partir	Parte, partem, partimos	Partíssemos, partíamos

A distinção entre a forma do infinitivo (*cantar, comer, partir*) e da 3ª pessoa do singular do presente (*canta, come, parte*) se dá pela desinência {-r} (que marca a conjugação verbal) e pela acentuação – oxítonas no primeiro caso, paroxítonas no segundo. No entanto, mesmo na linguagem adulta, a desinência da conjugação é muitas vezes omitida, de modo que a única distinção entre o infinitivo e a 3ª pessoal do singular presente é a acentuação.

Nos dados de R. e T., as formas verbais com acento na última e na penúltima sílabas foram encontradas logo no início do processo de aquisição, quando a criança ainda não lida com questões morfológicas:

- (71) ['pe.gɐ] = pega (T. 1;7.12)
 (72) [pe'go] = pegou (T.1;7.12)
 (73) [pe'ga] = pegar (T.1;7.12)
 (74) ['pe.tʃi] = (a)perta (T.1;7.12)
 (75) [pej.'ta] = apertar (T.1;7.12)
 (76) [tʃi.'la] = tirar (R.1;8.25)
 (77) ['tʃi.le] = tira (R.1;8.25)
 (78) [pe'ga] = pegar (R.1;8.0)
 (79) ['pe.gɐ] = pega (R.1;8.7)
 (80) [pu.'ku.le] = procura (R.1;8.25)
 (81) [pu.ku.'la] = procurar (R.1;8.25)

Conforme é possível observar em (73, 75, 76, 78 e 81), as crianças também omitem a desinência {-r}, que marca a conjugação no infinitivo, como o fazem os adultos. Assim, as únicas pistas para o investigador sobre qual tempo verbal as crianças estão utilizando são a acentuação e a combinação com verbos auxiliares, uma vez que o significado é instável.

As formas verbais com acento na antepenúltima sílaba não são encontradas nos dados de R. e T. Segundo a proposta de Lee (1995), as formas verbais com acento na antepenúltima sílaba são geradas pela aplicação de uma regra marcada e a existência do morfema extramétrico {-mos} de 1ª pessoa do plural no imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito do indicativo e no imperfeito do subjuntivo. O autor propõe que o morfema {-mos} não seja considerado extramétrico para os outros tempos verbais, embora não dê as razões pelas quais o faz. Nada em seu modelo impediria que esse morfema também fosse considerado como extramétrico para as formas do presente, do futuro e do pretérito perfeito do indicativo. Este morfema, no entanto, em qualquer flexão de tempo, só surge muito mais tarde na língua da criança, quando ela já se encontra em idade escolar. Assim, não é possível observar se esse morfema recebe um tratamento diferenciado pela criança conforme o tempo utilizado.

O fato de a criança já acentuar as formas verbais no início do processo de aquisição, quando ainda não lida com as fronteiras internas das palavras, é indício de que, nesta fase, a criança também não analisa a acentuação, isto é, o enunciado-palavra da criança tem um acento inanalísado, resultado de acentos de outros níveis prosódicos. Segundo Scarpa, 1997, 1999; Abaurre, Galves e Scarpa (1999), no início do processo de aquisição a criança utiliza acentos de níveis prosódicos superiores para a marcação acentual de níveis inferiores (hipótese *top-down* de aquisição).

⁹ Para maiores detalhes sobre a perspectiva de Lee (1995) na aquisição do acento do português, ver Santos (2001).

4 Considerações finais

Essas observações sobre o processo de aquisição da morfologia são indicativas de que as crianças trabalham com o componente morfológico por volta de 1;9. O uso de formas regulares para verbos irregulares, a combinação com formas verbais auxiliares e a aplicação de morfema nominal para uma forma verbal apontam para o fato de que, a partir de 1;10, começa a ocorrer a análise interna das palavras. No entanto, este processo recobre um período longo (até 2;9), indicando não só um longo trabalho na aquisição da morfologia flexional do português brasileiro, como também a necessidade de se levarem em considerações interfaces entre a morfologia e a fonologia na aquisição do acento primário.

5 Referências

- ABAURRE, M. B. M.; GALVES, C.; SCARPA, E. M. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA (Org.). *Estudos de Prosódia*, 1999, p. 285-323.
- KATO, M. Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 29, IEL, UNICAMP, 1995, p. 119-136.
- LEE, S. H. *Morfologia e fonologia lexical do português brasileiro*. Tese de doutorado. UNICAMP, 1995.
- SANTOS, R. S. *Aquisição do acento primário no português brasileiro*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2001.
- SCARPA, E. M. Learning external sandhi. Evidence for a top-down hypothesis of prosodic acquisition. In: SORACE, A.; HEYCOCK, C.; SHILLCOCK, R. (Orgs.). *Proceedings of GALA '97 Conference on Language Acquisition and Knowledge Representation*. Edimburgo, Escócia, 1997.
- . Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e fatos prosódicos. In: ———, (Org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 253-284.
- SCARPA-GEBARA, E. M. *The development of intonation and dialogue processes in two brazilian children*. Tese de doutorado, Universidade de Londres, 1984.